



## Inumeráveis: o jornalismo literário como registro das vidas perdidas em tragédias brasileiras

**Nayara Helou Chubaci Güércio**<sup>1</sup>  
Trinity College, Dublin, Irlanda

**Victor Lemes Cruzeiro**<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Goiás (IFG)

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é perguntar como lidar com as vidas apagadas, seja pelos altos muros de um hospital psiquiátrico, seja pelo avanço de uma doença que impede que os familiares de se despedir, e que os serviços estatais hesitam em combater seriamente. Como lidar com as "biografias negativas" que essas duas crises deixam na nossa sociedade? Para isto, uma pesquisa básica foi realizada, a partir do livro-reportagem *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex (2014), e do memorial online *Inumeráveis*, como obras de jornalismo literário que se utilizam de "biografemas", idealizados por Roland Barthes (1989). O artigo conclui que o memorial *Inumeráveis* enfatiza os biografemas extraordinários, em lugar dos fatais, dando importância ao que é "desimportante". Neste momento, em que o Brasil já ultrapassa a marca dos 60 mil mortos, a mesma do hospital psiquiátrico de Barbacena, o estudo das memórias perdidas e do jornalismo literário como forma de salvar subjetividades são de maior importância.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem. Holocausto. Biografias. Covid-19.

### 1. Introdução: Barbacena e Hiroshima

Quando este trabalho foi pensado, no dia 25/06, o número de óbitos passava de 55 mil (CONSÓRCIO, 2020), quase igual à estimativa de mortes no Hospital Colônia, em

---

<sup>1</sup> Professora e Tradutora. Mestra em Tradução Literária em Trinity College Dublin, 2020. Mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), 2018. Graduada em Comunicação Social, habilitada em Audiovisual pela UnB, 2013. E-mail: guercio.nayara@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor de filosofia no Instituto Federal de Goiás (IFG). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), 2018. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2011. E-mail: victorlcruzeiro@protonmail.com.

.....  
Barbacena, Minas Gerais, onde morreram cerca de 60 mil pessoas, por descaso do Estado e convivência da sociedade (ARBEX, 2014).

Contudo, no dia 22 de julho, o total estimado de mortes já ultrapassa os 82 mil (PAÍS, 2020). Portanto, a pandemia de coronavírus, da qual o país tornou-se epicentro, já superou o “campo de concentração” de Barbacena, equiparando-se às vítimas do impacto da bomba atômica de Hiroshima, em torno de 70 e 90 mil (THE ATOMIC, 2020).

Até o momento, a pandemia do coronavírus (Sars-Cov-2) não terminou, e sua rápida evolução, aliada a desastrosas decisões governamentais<sup>3</sup>, indica que os casos subirão, deixando para trás as estatísticas de Barbacena e Hiroshima.

Os três eventos, contudo, convergem no fato de que seus números de mortes não podem ser estimados com precisão. Em Barbacena, houve a ausência de registros de uma população considerada descartável (já que a loucura era um rótulo para os indesejados) e uma organizada rede de desaparecimento de cadáveres em valas comuns, faculdades de medicina e toneis de ácido (ARBEX, 2014). Em Hiroshima, o impacto da bomba de 15 quilotons (THE MANHATTAN, [s.d.]) desintegrou tudo num raio de quilômetros, tornando quase impossível estimar o número exato de mortos (HIROSHIMA, 2007). No caso da pandemia de coronavírus, a falta de testagem e a subnotificação – graças a um Ministério da Saúde à deriva – levam a crer que o número de mortos seja muito maior do que o divulgado (NÚMERO, 2020).

Como contar estes mortos? Como registrá-los, salvá-los do esquecimento, do apagamento na história? Se não há corpos a contar, como calcular? No caso de Hiroshima e Barbacena, há locais físicos que servem de monumento das tragédias. No caso do coronavírus, cuja epidemia segue com toda força, como construir um monumento um número de mortos tão imenso, pulverizado por um território continental, sem a materialidade de corpos ou local específico?

Partindo da noção do monumento como arquivamento (DERRIDA, 2001) e construção de uma verdade histórica, dita oficial, serão analisadas duas tentativas de resgatar vidas perdidas em tragédias esquecidas através das ferramentas do jornalismo literário. Primeiramente, o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex,

---

<sup>3</sup> Desde 15 de maio de 2020, o Brasil encontra-se sem ministro da saúde. Atualmente, a pasta é chefiada interinamente por Eduardo Pazuello, militar sem nenhuma formação na área de saúde.

.....  
sobre o Hospital Psiquiátrico Colônia. Em seguida, o site *Inumeráveis*, feito para homenagear as vítimas do coronavírus. Ambos utilizam biografemas – trechos da vida selecionados e reconstruídos por quem escreve – para resgatar vidas que, de outro modo, seriam esquecidas pela história oficial. O site *Inumeráveis*, porém, amplia as possibilidades por seu caráter visual e seu trânsito entre plataformas.

## 2. Construindo um Monumento

Os três eventos citados convergem em um ponto: suas proporções são tão grandes, em número e terror, que torna-se impossível a evocação de uma única memória para salvá-los do esquecimento. Aqui, a memória é uma função humana ativa de evocar o passado, arquivando aquele momento que se foi (CHAUÍ, 2000). Não se trata, portanto, de uma simples evocação do passado, mas da construção de um objeto na qual os indivíduos reencontrem as narrativas, as pessoas e, principalmente nos casos deste trabalho, as dores.

As memórias coletivas são monumentos erguidos sobre a égide da dor: dor do passado e do vislumbre de um futuro incerto. É costume que a memória dos mortos seja feita por um local de sepultamento, ao menos simbólico para morte, com uma simples tumba ou um rebuscado mausoléu, que *crystaliza* a morte no tempo. No caso de várias mortes, com incontáveis corpos ou mesmo sem corpos, como nos três casos que iniciam este trabalho, usualmente se constrói um cenotáfio: um túmulo vazio, um monumento fúnebre para uma pessoa ou grupo que não estão lá.

O cenotáfio de Hiroshima é o Domo Genbaku (原爆, bomba atômica em japonês) estrutura localizada no coração da cidade, que estava a apenas 150 metros do epicentro da bomba, sendo a única construção que permaneceu de pé no raio de mais de um quilômetro. Conservado exatamente como ficou após a explosão, o Domo é hoje parte do Parque Memorial de Hiroshima.

Foi também em 1996 que foi inaugurado, no complexo do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), o Museu da Loucura. Localizado em um pequeno prédio com uma torre, que encarcerou milhares de pessoas, o museu reúne documentos, roupas, objetos e fotografias sobre o antigo Colônia. O museu torna-se um monumento

.....  
que imortaliza as dores individuais e coletivas, sem esconder até mesmo as piores atrocidades, como a venda ilegal de corpos de internos para universidades.

No entanto, indo além da salvaguarda da memória de um evento, todo monumento também busca construir uma verdade. Afinal, se todo monumento é um documento de algo, ele não é neutro. Há em todo material histórico, uma roupa, museu, fotografia ou mausoléu, um “inconsciente cultural”, como diz o historiador francês Jacques LeGoff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também de épocas sucessivas durante as quais continuou a viver [...] Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada de si próprias. (LE GOFF, 1990, p. 399)

Cabe, então, ao estudar a história de um evento não ser ingênuo e estar pronto para “desmontar, demolir esta montagem [...] de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 1990, p. 399)<sup>4</sup>. Essa montagem do monumento-verdade traz à discussão, mais do que a própria noção de verdade histórica, a noção de domínio da história. O francês Jacques Derrida adiciona a essa noção a ideia do *arquivo*.

O arquivo é a semente de uma genealogia da verdade, nos diz Derrida. A palavra vem de *arkhé*, uma força primitiva, e também de *arconte*, magistrado que tinha guarda dos documentos oficiais de uma cidade. Esses guardiões não apenas os guardavam, mas também os interpretavam, podendo, a partir deles, evocar a verdade (DERRIDA, 2001, p. 13). Sem uma localização e proteção oficiais, então, um documento não possuía validade. Este é o cerne da autoridade de museus e monumentos fúnebres: eles guardam e atestam a morte, mesmo que não haja corpo.

Construir um monumento é, portanto, *chegar primeiro* na história, tornar-se o “primeiro arquivista” dela (DERRIDA, 2011, p. 73). O primeiro historiador/arquivista lê, interpreta e institui a memória, construindo sua imagem do passado. O problema se dá quando os registros estão ausentes, como em Hiroshima, e é pior ainda quando não há vontade em resgatá-los ou reconstitui-los, como em Barbacena e na atual pandemia.

Estima-se que morreram 60 mil pessoas no Hospital de Barbacena durante seus quase um século de funcionamento. Contudo, foi somente na década de 1980 que o Colônia começou a ser desativado e sua memória, valorizada. Em 2007 foi sugerida a

---

<sup>4</sup> A atual discussão sobre a retirada de monumentos que homenageiam personagens racistas da história explora essa face da demolição da montagem do monumento-verdade, além do trabalho do historiador.

.....  
construção de um “Memorial das Rosas” no cemitério adjacente ao hospital, buscando preservar a memória de todas essas mortes com uma passarela suspensa sob os túmulos. O projeto, contudo, até hoje não saiu do papel. (ARBEX, 2014).

Percebe-se uma diferença no trato do Estado quanto às tragédias. Enquanto o Parque Memorial da Paz de Hiroshima foi construído menos de 10 anos após o bombardeio, o Memorial de Barbacena nunca chegou sequer a ser erguido. E percebe-se como as inumeráveis mortes pelo coronavírus tendem a seguir pelo mesmo caminho. Em meio a um governo que se exime sequer de *contar* os mortos (MATTOS, 2020), como esperar que ele busque salvar sua memória?

Se for impossível contar com uma versão oficial dessa memória, num monumento-verdade que sirva de cenotáfio, corre-se o risco de matar essas pessoas duas vezes, primeiro na carne, depois na história (SCHWARCZ, 2019). De que outra forma isso pode ser feito?

### 3. Escrevendo um Monumento

Quando começou a apurar o passado do Hospital Colônia para uma série de reportagens no jornal *Tribuna de Minas*, em 2011, a jornalista Daniela Arbex não imaginava que entraria em um mundo tão terrível, mas sabia que tinha de fazê-lo (MORAIS, 2019).

A mesma sensação de necessidade e incerteza atravessou o repórter fotográfico Luiz Alfredo e o jornalista José Franco, ao chegarem aos portões do Colônia, em abril de 1961, para a icônica revista *O Cruzeiro*: “mas o que será que existe aqui de tão grave?”, perguntou o fotógrafo enquanto adentravam o hospital:

Quando as correntes que guardavam a porta de acesso ao pátio foram destrancadas, os olhos acostumados a tantas tragédias não puderam acreditar na cena que se desenhava. [...] A primeira imagem que veio à cabeça de José Franco foi o inferno de Dante [...] O jornalista levou um tempo para se refazer e começar a rascunhar em seu bloco [...] Já Luiz Alfredo [...] decidiu registrar tudo que a lente de sua câmera fosse capaz de captar [...] A miséria humana escancarada diante da sua máquina. Jamais havia flagrado nada parecido (ARBEX, 2014, p. 169-172)

Foi inspirada pelas fotos de Luiz Alfredo, com quem Arbex se encontrou em 2011, quando as fotos já completavam meio século, que a repórter iniciou a reconstrução do holocausto brasileiro, pretendendo não apenas contar ou ilustrar, mas *materializar* a

.....  
tragédia – essa *Shoah*<sup>5</sup> genuinamente brasileira – “pelo olhar dos sobreviventes e de suas principais testemunhas”, cristalizadas em cada uma daquelas chocantes fotos ARBEX, 2014, p. 191).

Indo além da historiografia dita oficial, auxiliada por diferentes depoimentos, Arbex buscou resgatar, daquelas fotos estáticas, os pacientes do desativado Colônia. Não se trata de fazer uma crítica aos modos de fazer história ou documentação, mas apontar outras formas de dar vez às vozes mudas de uma tragédia, que em grande número e pouca importância, são retirados de cena, deixados nos bastidores de fotografias e estatísticas.

E Arbex é pródiga nisso, selecionando algumas dezenas de personagens dentre ex-funcionários, médicos, jornalistas, familiares e, claro, ex-internas e internos. Mas essa não é uma seleção fácil e simples. Trata-se de uma seleção de ruínas, buscando saber quais pedaços do terror do Colônia podem sustentar uma nova construção que, mesmo menor, *precisa* evocar a mesma força de antes.

A luta para edificar esse monumento, contudo, não é apenas contra a escassez de material, mas com o excesso de tempo. Muitos envolvidos já faleceram, e os vivos estão em idade avançada. Demorasse mais alguns anos para começar seu trabalho, a autora talvez não os alcançasse.

Daniela Arbex tece, então, uma colcha de retalhos com o passado, na qual relatos de diferentes origens são retalhos de diferentes tamanhos, origens e estados de conservação. Alguns ameaçam desintegrar-se a qualquer momento, o que exige da autora um trabalho de zelo para unir sem danificar, e criando uma coesão que leve a um sentido novo naquela união. Assim, em cada pedaço encontra-se um horizonte novo naquele todo, e Arbex demonstra, muito bem, o domínio das ferramentas do jornalismo literário.

O livro *Holocausto Brasileiro* tem 14 capítulos curtos que mesclam discursos de forma transversal: depoimentos de sobreviventes com elementos documentais, recriando passados invisíveis em palavras vivas. As imagens completam o sistema de memória, possibilitando que aquelas pessoas, sem nome ou história, encarem quem lê com a ferocidade do fantasma que implora a Hamlet, antes de partir: “Adeus! Lembra-te de mim!”.

---

<sup>5</sup> *Shoah* (שואה em hebraico) significa catástrofe, e é utilizada para se referir ao extermínio nazista, tendo em vista que a palavra *holocausto*, em grego, indica uma oferenda queimada em homenagem aos deuses.



Ao construir essa estrutura múltipla, a autora vai além do discurso jornalístico padrão, alcançando um público maior, abrindo novos horizontes de sensação e interpretação através da curiosidade ou do choque<sup>6</sup>. Essa é a própria definição do jornalismo literário, que para muitos pesquisadores, como Gustavo de Castro (2010) sequer se diferencia do jornalismo.

Essa constatação não diminui a prática jornalística mas, como bem faz Arbex, abre suas portas para uma potencialização da narrativa. De posse de uma boa técnica e de uma elasticidade de ideias, o jornalista parte da sua própria subjetividade e conduz quem lê em direção a uma selva de alteridades (CASTRO, 2010), onde os horizontes se abrem para afetos que o discurso jornalístico somente não permite.

Dentre as ferramentas que o jornalismo literário utiliza, a que mais nos interessa aqui é o *biografema*. Conceito cunhado por Roland Barthes (1989), o biografema é um traço de uma vida, selecionado como uma carta de um baralho. É um pedaço de um mosaico cuja imagem maior é uma vida, e que não deixa de ter sua beleza ao ser visto por si só.

Parte-se do princípio, ao começar qualquer obra, que é impossível cobrir toda uma vida. Não há história sem seleção. A própria discussão inicial deste trabalho prova isto, dado que Hiroshima é um evento mais conhecido nessa grande biografia do que chamamos “Ocidente Civilizado”, enquanto o Hospital Colônia não.

Narrar uma vida – ou várias – não é diferente. É preciso selecionar e lapidar momentos para criar uma teia, e essa seleção depende da sensibilidade de cada autor, que escolhe os que lhe parece mais relevantes, transformando-os “em signos abundantes de significações que reconstituem a escrita biográfica por meio da fragmentação do sujeito” (BARTZ, 2014, p. 9).

O biografema é, portanto, uma roupagem ficcionalizada de um dado ou fato da vida, que torna cada registro biográfico único, como um lado de um cristal, cujas faces têm diferentes propriedades que refletem a luz de maneiras diferentes.

Bartz (2014) faz ainda a diferenciação entre *biografemas fatais* e *biografemas extraordinários*: os fatais evocam uma predestinação, com traços inatos e uma certa

---

<sup>6</sup> No posfácio de uma nova edição, Arbex conta que um homem, já idoso, identificou a mãe em uma das fotos. O próprio pai a havia internado, sem motivo ou maiores explicações, “roubando sua infância” (MORAIS, 2019).

.....  
configuração cósmica que favorece o retratado, os extraordinários apresentam facetas mais humanas, incluindo falhas e erros<sup>7</sup>.

Biografemas fatais servem para erguer monumentos a grandes figuras, estátuas literárias a conquistadores, estadistas, vencedores. Contudo, os monumentos erguidos neste trabalho são de pessoas invisíveis, que morreram à deriva em um oceano de catástrofe. São vidas comuns, com rotinas e sonhos, famílias e planos, abruptamente ceifadas. Seus biografemas nada tem de *fatal*, mas de *extraordinário*, por sua simplicidade, delicadeza e, principalmente, fragilidade.

É com os biografemas extraordinários que Daniela Arbex trabalha e escreve seu monumento: lembranças de dias de trabalho, memórias de infância, descobertas de perdas irreparáveis e tentativas diárias de curar feridas. Os finais felizes, quando há, vêm à base de muito esforço e uma dose de sorte, enquanto os finais tristes – quase todos – são ondas em um mar revolto.

É com estes mesmos biografemas que está sendo construído aquele que seja talvez o melhor e mais belo monumento a uma tragédia.

#### 4. Inumeráveis

Até o dia 28/07, o Brasil contava 88.017 mortes pelo novo coronavírus, além de 2.455.905 casos confirmados (BRASIL ultrapassa, 2020). Se o contágio fosse contido naquele dia em todo o país, com a taxa de mortalidade estimada em março de 3,74% (AGRELA, 2020)<sup>8</sup>, ainda teríamos 91.850 mortes, totalizando mais de 179 mil mortos em uma pandemia de meio ano. E tudo isso em um cenário em que os funerais foram contidos, sequestrando o direito ao ritual fúnebre e ao luto dos que sobrevivem (CHOI; HAFEZI, 2020; PASQUINI, 2020). É difícil imaginar 179 mil famílias, ou mesmo 179 mil indivíduos, que tiveram o ciclo de luto interrompido.

Foi buscando celebrar a memória desses mortos invisíveis que surgiu o Memorial Inumeráveis. Um site simples, de atualização contínua, dedicado a salvar pedaços da

---

<sup>7</sup> A divisão de Bartz vem do seu objeto de análise: a trilogia biográfica de Getúlio Vargas, pelo jornalista Lira Neto.

<sup>8</sup> A estimativa da OMS, em março, era global, baseada em noções inicial de mortalidade para grupos etários (para idosos, poderia chegar a 15%), mas sabe-se que ela varia de país para país, com base em fatores como “quem é infectado; que estágio a epidemia atingiu em um país; quantos testes o país está fazendo; e como sistemas de saúde diferentes estão se saindo. (HODGSON, 2020)



.....  
história das vítimas, celebrando “cada vida que existiu e que existe” e como podemos “entrelaçá-las para construir memória, afeto, respeito e futuro” (PAVONI et al., Sobre, 2020).

A dinâmica do site é simples, com uma interface mínima e intuitiva. Ao acessá-lo ([www.inumeraveis.com.br](http://www.inumeraveis.com.br)), encontra-se um fundo cinzento com palavras em uma única coluna central. No topo, em caixa alta está INUMERÁVEIS, com o subtítulo “Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil”. Vê-se o detalhe à individualidade das vítimas, ao se referir a “cada uma das” e não somente “às vítimas”, retirando-as da abstração numérica das estatísticas. Ao seu lado, a única imagem é um sutil ramo de árvore – que ganha folhas em uma animação quando o site é aberto pela primeira vez – e que acompanha, sempre, cada um dos nomes.

Logo abaixo, inicia-se a lista de nomes. Não há separação de páginas, sendo possível passar de nome por nome, ou buscar um específico, graças à ordem alfabética. Cada nome, em negrito, traz ao lado a idade de falecimento, em uma cor similar ao fundo, pois pouco importa tanto com quantos anos a pessoa faleceu, se pertencia a um grupo de risco, se havia comorbidades (já conhecidas ou não) ou outras questões específicas. O memorial busca evidenciar quem a pessoa foi e, mais ainda, o que ela *significou*, tenha 22 ou 107, a menor e maior idade registradas até o momento.

Abaixo de cada nome, uma frase resume como seus entes queridos se lembram dela, indo além do “amado pai” ou “esposa querida” de praxe. A frase vem numa fonte um pouco mais escura que a idade, mas não tão forte quanto o nome, como um lide poético daquela vida interrompida, que a destaca em meio a tantas.

Assim, a página inicial do memorial assemelha-se a uma lápide que, pela sua extensão, já toma as formas de um enorme obelisco, onde todos os nomes estão gravados, com seus pequenos traços memoráveis. Ali, a vida recupera sua sobrepujança sobre a morte. Ao clicar em cada nome, ganha-se acesso a um texto maior, uma espécie de obituário.

Monica Martinez, em um estudo comparativo entre obituários do jornal *Folha de S. Paulo* e *The New York Times*, percebe uma diferença entre as linguagens nos dois veículos:

graças à objetividade da língua inglesa, há muito mais informação factual e dados específicos nas notícias de mortes (...) Por outro lado, a língua

portuguesa permite a construção de uma incrível tessitura poética, característica enfatizada pela sensibilidade e criatividade do jornalista Willian Vieira, responsável pela coluna *Mortes* (MARTINEZ, 2018, p. 156, tradução nossa)

O próprio Willian Vieira realiza um estudo sobre obituários, dizendo que “a forma com que uma cultura decide comemorar seus mortos reflete muito do caráter e natureza dessa cultura” (BATES; MONROE; ZHUANG, 2009, p. 2 *apud* VIEIRA, 2014, p. 13). Portanto, o estilo dos textos memoriais do *Inumeráveis* não se distancia muito do modo com o qual o jornalismo brasileiro registra a morte, com a diferença que não procura exaltar pessoas relevantes para a sociedade, ou que realizaram algum êxito, como costume (MARTINEZ, 2014), mas inverter esta expectativa, tornando *todas* as pessoas relevantes – peças importantes de uma memória que precisa ser conservada.

Desta forma, esta grande lápide comunitária torna-se um colorido mosaico, que à primeira vista é formado por frases curtas, mas que vê-se composto por várias tessituras, que colhem biografemas variados dessas vidas, trançados em imagens únicas. Esta transformação de trechos cotidianos em imagens memoráveis é feita pela equipe de quase 200 voluntários do memorial que, munidos de técnicas jornalísticas e uma inevitável predisposição literária analisam, combinam e reconstroem os biografemas, os pedacinhos daquelas vidas, em peças únicas. Muitas vezes os textos já vêm prontos, e cabe aos jornalistas e voluntários apenas revisar, porque nada capacita mais alguém para ressignificar e encher de sentido uma vida ordinária do que quem a compartilhou.

Os relatos chegam ao site de duas formas. Pode-se preencher um formulário com dados sobre o ente falecido, um texto tributo, um epitáfio, bem como em que cidade nasceu e que cidade morreu, além de dados e contato de quem submeteu o texto. Ou então, pode-se enviar um áudio para o *WhatsApp* do memorial, ou preencher um questionário para que um dos voluntários elabore o texto. No formulário, o espaço para o epitáfio traz o direcionamento: “Como você resumiria o que essa pessoa tinha de mais especial?”, enquanto o texto tributo diz o seguinte:

Escreva um texto que ajude as outras pessoas a conhecer a pessoa homenageada. Você pode dizer: o que fazia, do que mais gostava e menos gostava, manias, apelido, como foi a vida amorosa e profissional dessa pessoa e outras histórias que goste de contar ao pensar nela. (PAVONI et al., Enviar, 2020)

Vê-se o esforço de coletar, no relato inicial, o maior número de informações possíveis que possam reconstruir aquela vida comum, humana: seus gostos e desgostos,

.....  
manias e apelidos e, só então, a vida amorosa e profissional, que constrói o núcleo dos obituários como estamos acostumados.

Os textos do *Inumeráveis* não buscam portanto louvar seus êxitos ou conquistas daquelas pessoas, mas muito mais seus afetos, deixados atravessados nas vidas – e garagantas – dos seus entes queridos:

Ser avó foi, definitivamente, o seu grande papel na vida e o que a fez mais feliz. (...) Dedicou-se muito à neta, sempre (...) Era a pessoa mais generosa e preocupada com o próximo de que se tem notícia (...)  
Como serva de Deus que era, está com Jesus, no Paraíso, mas isso não diminui em nada o tamanho do buraco no peito de todos que com ela conviveram.  
Como mãe e filha faziam tudo juntas, era como se fossem uma só pessoa e, agora, a filha terá que seguir sozinha, com as dificuldades de viver em um mundo sem ela (...)  
Abadia era mãe de alguém, era avó de alguém, era esposa de alguém. Abadia era o amor de alguém (PAVONI et al, Abadia de Fátima Alves, 2020)

O memorial de Abadia de Fátima Alves (o primeiro da lista no dia 07/08) traz muitos dos elementos biografemáticos extraordinários e que marcam a centralidade dos afetos na sua construção: o êxito no papel de avó, e não na profissão; o exagero ao descrever sua generosidade; a impossibilidade da diminuição da dor da sua partida; sua existência como *mãe, avó, esposa, amor* de alguém, de *pessoa querida* de alguém, única, insubstituível e, portanto, inesquecível.

É essa a justificativa do memorial: “não há quem goste de ser número/gente merece existir em prosa”. Aqui estão imortalizadas as memórias de avós, esposas, tios, netos, filhos, pais e amigos, fãs de futebol, novelas e motos, músicos, donas de casa, caminhoneiros, agricultores, professoras, enfermeiras, poetisas, esportistas e pintores<sup>9</sup>. Aqui, todos e todas sobrevivem a uma morte precoce e evitável. E deixam, além da saudade, suas manias, fés, anedotas e amuletos: pedaços pequenos demais para fazer uma estátua, mas do tamanho exato para fazer uma vida.

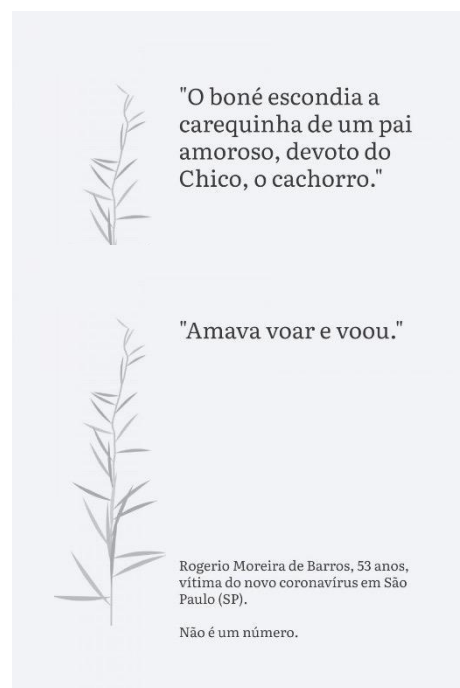
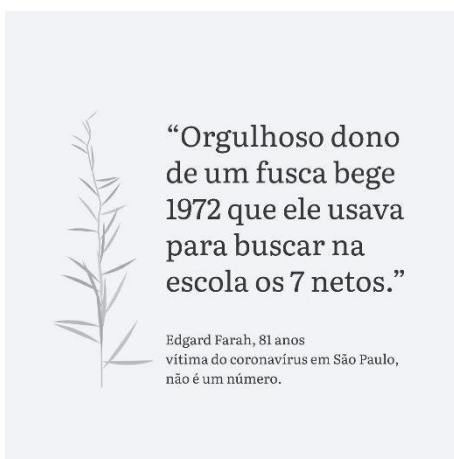
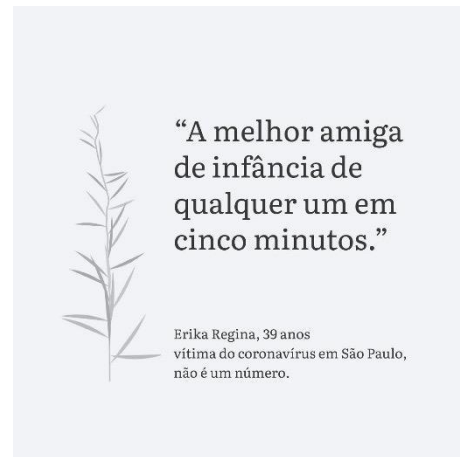
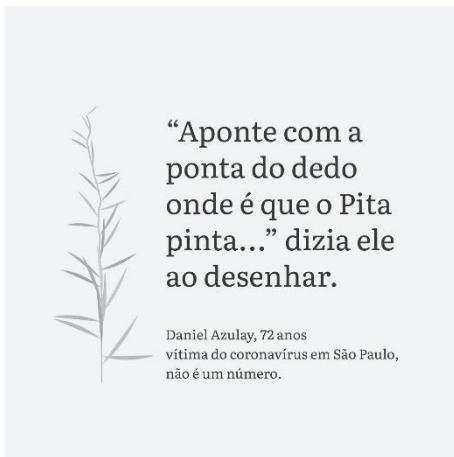
E o memorial ganha ainda mais, amparado na amplidão das redes. Além do site, o projeto tem uma página no *Instagram* (@inumeraveismemorial), iniciado no fim de abril, e atualmente com 398 publicações, feitas com o mesmo fundo cinzento, o epitáfio

---

<sup>9</sup> Em meio às centenas de nomes que já constam no Memorial, estão, sem qualquer destaque, Daniel Azulay, pintor; Miss Biá (como Eduardo Albarella), drag queen; Domingos Mähörö, liderança xavante, e Aldir Blanc, compositor (cujo texto foi escrito pelo amigo de longa data João Bosco). Seus epitáfios muitas vezes sequer fazem referência às suas profissões, mas ao impacto e saudade que deixaram como pessoas queridas.

em destaque e a identificação com nome, idade e onde faleceu, além do ramo-logo, ao lado da inscrição “Não é um número”.

Abaixo está uma seleção de algumas imagens retiradas do *Instagram* do Memorial, dado que elas sintetizam não apenas a estética, mas as escolhas e o trabalho com os biografemas, extraordinários, por meio dos epitáfios que reconstruem, cada um a seu modo, as individualidades dessas pessoas comuns, tornadas singulares e inesquecíveis pelo esforço de resguardar o maior êxito e tesouro de cada: seu afeto (Figura 1).



SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020

---



Figura 1: Epitáfios no Instagram. Fonte: Inumeráveis (@inumeraveismemorial)

Percebe-se uma diferença de estilos, indo desde comportamentos (como Erika Regina), objetos de estima (como Edgard Farrah), e até mesmo frases que carregam a essência de quem o conheceu (como Aldir Blanc). Há também uma preocupação em mostrar o alcance da doença, que já afeta também os povos nativos, disponibilizando não apenas epitáfios, mas textos completos nos seus idiomas, como o de Wirimi Tsamia Tsamia (kokama), Hilário Ab Reta Awe Predzawe (xavante) e vários outros, de outras etnias que, infelizmente, ainda irão compor o monumento.

Como é um projeto em curso, o *Inumeráveis* não é um monumento com um fim à vista e, quiçá, mesmo após o desenvolvimento de uma vacina, ele persistirá, buscando o maior número possível dos que foram levados do dos seus. Em meio a uma tragédia global, e em um país que parece não ligar, o trabalho será árduo e, talvez, como aconteceu com o monumento literário de Daniela Arbex, não alcance todas as suas vítimas, perdidas para sempre num passado de horror. Talvez seja por isso que o único botão na página inicial do *site* seja para adicionar uma nova história, e não seja um símbolo de adição (+),

.....  
mas um símbolo do infinito ( $\infty$ ), pois seu trabalho de resgate é contínuo e, talvez interminável.

## Conclusão

Ao cabo da pesquisa, vê-se que tanto o Memorial *Inumeráveis*, quanto o livro *Holocausto Brasileiro*, são importantes monumentos a vidas invisíveis do nosso país. A partir da coleta de biografemas dessas vidas comuns, dessas “biografias negativas”, as obras transformam em memória de duas crises da nossa sociedade.

Contudo, o Memorial *Inumeráveis* apresenta algumas diferenças, a começar pelo foco nos biografemas extraordinários, os pedaços “desimportantes” daquelas vidas, opostos a êxitos, sucesso ou outros referenciais externos. Curiosamente, esse esforço faz com que todos os detalhes banais tornem-se, de certa forma, importante, como se cada uma daquelas pessoas estivesse predestinada a ter uma vida feliz e bela, exatamente como teve.

Além disso, ao oferecer espaço para um texto maior, expandindo o epitáfio, o *Inumeráveis* torna-se não apenas uma forma de lembrança dessas vidas, mas de exaltação dessas existências, oferecendo aos leitores um relance daquela personalidade singular, complexa e, claro, única. Sem aprofundar muito, é o suficiente para que o horizonte se torne menos turvo de saudade, e uma luz de subjetividade e lirismo atravesse as pesadas nuvens das estatísticas massificadas.

Um portal da *internet* oferece, ainda, possibilidades maiores que um livro, não apenas pela possibilidade de revisão e adição constante, que no livro exige reedições e reescritas, quase sempre individuais. O memorial se constrói continua e colaborativamente, e sem a necessidade de matéria prima nem limitação de espaço, tornando possível unir a maior quantidade possível de vidas, em tempo quase real.

Finalmente, vale ressaltar que estas iniciativas não isentam o Estado de seu papel de preservação da memória. É evidente que a construção de um memorial como o *Inumeráveis* não é a garantia de que a tragédia do coronavírus no Brasil não será esquecida. É preciso que o poder público, como amálgama dos(as) brasileiros(as) – jornalistas, médicos, professores, deputados, e até mesmo engenheiros civis e desembargadores – tomem para si a responsabilidade de lembrar do que ocorreu, ainda

que tardiamente, como foi feito na Comissão Nacional da Verdade ou com os mecanismos de reparação histórica de inclusão e memória afrobrasileira. Mas, dessa vez, com sorte, isso ocorrerá de maneira mais efetiva e sensível, longe dos pecados de um passado sem memória.

## Referências

AGRELA, Lucas. Taxa de mortalidade do coronavírus no mundo é de 3,74%. **Exame**. Ciência. 14 mar. 2020. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/taxa-de-letalidade-do-coronavirus-no-mundo-e-de-374/>>. Acesso em 08 jul. 2020.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Los Angeles: University of California Press, 1989.

BARTZ, Rodrigo. **Jornalismo e Literatura: as complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico**. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2014.

BRASIL ultrapassa 88 mil mortes por Covid-19, segundo consórcio da imprensa em boletim das 13h. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-ultrapassa-88-mil-mortes-por-covid-19-segundo-consorcio-de-veiculos-da-imprensa-em-boletim-das-13h-24554673>>. Acesso em 23 jul. 2020.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHOI, Hayoung; HAFEZI, Parisa. Coronavírus: vítimas são enterradas sem funerais pelo mundo. Trad. Angelo Amante. **Terra**. 19 mar. 2020. Disponível em: <[https://www.terra.com.br/noticias/mundo/coronavirus-vitimas-sao-enterradas-sem-funerais-pelo-mundo,148f84c1dbe0b4563b3903f61ed9da93p\\_nb3vx8e.html](https://www.terra.com.br/noticias/mundo/coronavirus-vitimas-sao-enterradas-sem-funerais-pelo-mundo,148f84c1dbe0b4563b3903f61ed9da93p_nb3vx8e.html)>. Acesso em 25 jul. 2020.

CONSÓRCIO: Brasil registra 1055 mortes por covid em 24h; total de óbitos passa de 56 mil. **Jornal de Brasília**. 26 jun. 2020. Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/brasil/consorcio-brasil-registra-1-055-mortes-por-covid-em-24h-total-de-obitos-passa-de-56-mil/>>. Acesso em 11 jul. 2020.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HODGSON, Camilla. Verdadeira taxa de letalidade do novo coronavírus é mistério. **Folha de S. Paulo**. 30 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/03/verdadeira-taxa-de-letalidade-do-novo-coronavirus-e-misterio.shtml>>. Acesso em 23 jul. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MARTINEZ, Monica. Life in 700 words: the obituaries in The New York Times and Folha de S. Paulo. In: MOREIRA, Sonia Virginia; OTA, Daniela Cristiane. **Comunicação, mídia e cultura: estudos Brasil – Estados Unidos**. São Paulo: Intercom, 2018. pp.151-162.

MARTINEZ, Monica. A vida em 20 linhas: a representação da morte nas páginas da *Folha de S. Paulo*. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 71-90, Dec. 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-58442014000200071](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442014000200071)>. Acesso em 25 jul. 2020.

MATTOS, Rodrigo. Por que a nova contagem do governo reduz muito mortes diárias divulgadas? **Uol**. 09 jun. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/09/por-que-nova-contagem-do-governo-reduz-mortes-diarias-divulgadas.htm>>. Acesso em 20 jul. 2020.

MORAIS, Mauro. Daniela Arbex relança “Holocausto brasileiro” pela Intrínseca. **Tribuna de Minas**. Cultura. 10 mar. 2020. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/10-03-2019/daniela-arbex-relanca-holocausto-brasileiro-pela-intrinseca.html>>. Acesso em 21 jul. 2020.

NÚMERO de mortes do Covid no Brasil pode ser ainda maior por causa da subnotificação. **G1**. Jornal Nacional. 12 jun. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/06/12/numero-de-mortes-por-covid-no-brasil-pode-ser-ainda-maior-por-causa-da-subnotificacao.ghtml>>. Acesso em 15 jul. 2020.

PAÍS registra 1284 mortes por covid-19, total chega a 82771. **Istoé**. 22 jul. 2020. Disponível em: <<https://istoe.com.br/pais-registra-1-284-mortes-por-covid-19-total-chega-a-82-771/>>. Acesso em 22 jul. 2020.

PASQUINI, Patrícia. Ameaça de contaminação pelo coronavírus deixa os cemitérios de SP vazios. **Folha de S. Paulo**. 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/ameaca-de-contaminacao-pelo-coronavirus-deixa-os-cemiterios-de-sp-vazios.shtml>>. Acesso em 23 jul. 2020.

PAVONI, Edson et. al. **Inumeráveis**. c. 2020. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOBRE. **Inumeráveis**. 2020. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/sobre/>>. Acesso em 27 jul. 2020.

THE ATOMIC bombings of Hiroshima and Nagasaki. **CBS News**. 2020. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/pictures/anniversary-hiroshima-nagasaki-atomic-bomb-world-war-ii/>>. Acesso em 20 jul. 2020.

THE MANHATTAN Project: an interactive history. **U.S. Department of Energy**. Office of History and Heritage Resources. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.osti.gov/opennet/manhattan-project-history/Events/1945/hiroshima.htm>>. Acesso em 19 jul. 2020.



SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo  
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo  
3 a 6 de Novembro de 2020

.....

VIEIRA, Willian. **O obituário contemporâneo nos jornais e nas coletâneas: uma discussão sobre gênero textual e sociedade.** 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2014. 193 f.